

Os Norte-Americanos na Somália

*Sebastião José Ramos de Castro**

Resumo: Com base no livro *Black Hawk Down*, do jornalista Mark Bowden, o autor apresenta uma análise das operações das Forças Especiais do Exército norte-americano na Somália, em 1993, e identifica as razões do seu insucesso.¹

Palavras-chave: Intervenção na Somália, forças especiais, força-tarefa.

O jornalista norte-americano Mark Bowden é o autor de um livro denominado *Black Hawk Down*, que analisa a atuação das Forças Especiais dos Estados Unidos na cidade de Mogadíscio, capital da Somália.

Ele estuda, minuciosamente, uma ação militar realizada no dia 3 de outubro de 1993, a qual tinha por objetivo a prisão de dois lugares-tenentes de um chefe guerrilheiro de nome Mohamed Farrah Aidid, da tribo Habr Gidr.

Como velho soldado, por muitos anos no comando de tropa nos mais diversos escalões da hierarquia, foi com emoção que li o livro em questão e dele extraí muitos ensinamentos para o profissional militar, todos de alto valor, ensinamentos esses váli-

dos para os militares dos mais diferentes postos e graduações.

A Somália é, ainda nos dias atuais, um país muito pobre, que se estende ao longo da ponta mais oriental da África. Sua pobreza foi agravada pelas secas e, em 1988, por uma guerra civil.

País de organização social tribal, com base em vários clãs armados, foi governado ditatorialmente pelo General Sidi Barre até 1991, quando este, derrotado por facções rivais, foge do país. As facções vitoriosas lutam entre si e a Somália transforma-se em um país sem governo, no qual a fome se alastra de maneira espantosa. Entidades humanitárias internacionais enviam alimentos que são confiscados por grupos armados, em especial pelo clã liderado por Mohamed Farrah Aidid.

É nesse ambiente tumultuado que tropas dos EUA intervêm no país, com auto-

* General-de-Exército. Sócio titular do IGHMB.

1 Palestra proferida em 22 de maio de 2001, no auditório do IGHMB, na Casa Histórica de Deodoro.

rização da ONU, em 1992. Seguindo-se à ação humanitária e no sentido de procurar criar um governo estável, os EUA passaram a considerar Aidid como seu principal obstáculo e passam a combatê-lo, empregando tropas de Comandos (*Rangers*) apoiadas por helicópteros de combate.

Os antecedentes dessa luta podem ser sintetizados como a seguir.

A intervenção da ONU na Somália decorreu do clima caótico e do alastramento da fome que ocorreu no país, como resultado das lutas tribais pelo poder.

O Secretário das Nações Unidas era o Embaixador egípcio Boutros Gali, simpatizante, segundo Aidid, da tribo Danrod do ex-ditador Barre. A Missão da ONU na Somália era dirigida pelo Almirante Reformado da Marinha dos EUA Jonathan Howe; as forças militares dos EUA incluíam os Fuzileiros e a 10ª Divisão de Montanha, e havia ainda contingentes franceses, italianos, marroquinos, indianos, sauditas, paquistaneses e malaios, totalizando 38 mil homens.

Howe tinha servido como conselheiro do Delegado de Segurança Nacional do Presidente George Bush e ajudara na transição para o Presidente Clinton. Era o principal homem de Boutros Gali na Somália e responsável pela condução das operações terrestres. Julgava ser seu dever aprisionar Aidid e julgá-lo como criminoso de guerra. Foi o responsável por conseguir que os *Rangers* fossem enviados para a Somália. A intervenção da ONU conseguiu acabar com a fome reinante, mas não conseguiu êxito em criar um governo de coalizão. A Força Tarefa Unificada da ONU havia con-

seguido que a luta cessasse. Mas, em 4 de maio de 1993, os Fuzileiros se retiraram e a 10ª de Montanha foi designada para constituir parte da Força de Reação Rápida. No dia 5 de junho, 24 soldados paquistaneses foram mortos em uma emboscada por milicianos de Aidid, sendo sua cabeça colocada a prêmio. Seus elementos, em revide, passaram, com tiros de morteiro e de atiradores, a atacar as instalações da ONU e a executar empregados e simpatizantes.

Usando de sua influência e de amizades junto à Casa Branca, Howe procurou obter autorização para o envio da Força Delta para a Somália, mas o General Colin Powell, Presidente da Junta de Chefes de Estado-Maior, manifestou-se contrariamente. Em 17 de junho, com tropas francesas, italianas, marroquinas e paquistanesas, Howe cercou o complexo residencial de Aidid, que conseguiu escapar com facilidade.

No dia 12 de julho, refletindo a frustração da ONU, foi realizado, com o emprego dos *Rangers*, um violento ataque a uma casa onde se reuniam partidários de Aidid, sendo até empregados mísseis TOW e utilizados 17 helicópteros da Força de Reação Rápida, comandada pelo General turco Cewik Bir tendo, como segundo em comando, o Major-General Thomas Montgomery, do Exército dos EUA.

Os adeptos de Aidid anunciaram 73 mortos – entre homens, mulheres e crianças – e centenas de feridos. Howe disse terem morrido apenas 20 pessoas, todos homens. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha acusou 54 mortos e 250 feridos. A discussão sobre esses dados foi esquecida pelo fato de quatro jornalistas ociden-

tais terem sido mortos pelos enraivecidos somalis, quando foram ao local do ataque.

A imagem humanitária da ONU foi profundamente afetada e uma guerra aberta passou a ser feita por Aidid contra os norte-americanos.

Howe continuou pressionando pelo envio da Força Delta. Em 4 de agosto, morreram quatro soldados norte-americanos, vitimados por minas acionadas por controle remoto; duas semanas mais tarde, outros sete ficaram feridos.

Em 23 de agosto, chegou a Força Delta, autorizada pelo Presidente Clinton.

Estava criado o cenário para a luta que vamos analisar.

Sumariamente, a operação enquadrava-se na finalidade de derrotar as forças de Aidid, aprisionando seus líderes e, se possível, o próprio Aidid, confinando-os em uma ilha ao largo da costa da cidade de Kisimayo, na Somália.

Em síntese, o que ocorreu foi a mais longa luta sustentada por tropas norte-americanas desde a guerra do Vietnã. Em 3 de outubro de 1993, cerca de cem soldados de elite dos EUA foram lançados por helicópteros no fervilhante mercado no coração de Mogadíscio. O objetivo era assaltar uma casa, aprisionar dois lugares-tenentes de Aidid e regressar à base. A operação deveria durar cerca de uma hora e foi iniciada na tarde de um domingo. Porém, ocorreu que parte da tropa foi aferada e cercada por somalis, tendo que combater durante uma longa e terrível noite contra milhares deles fortemente armados, até poder ser resgatada por uma coluna de socorro.

A Força Tarefa empregada na operação estava sob o comando geral do Major-General William F. Garrison e era constituída pelos seguintes elementos:

- quatro helicópteros AH-16 (*Pequenos Pássaros*), de dois assentos, helicópteros de assalto de bolha frontal, capazes de voar sobre qualquer lugar, e, pela primeira vez, armados com foguetes;
- quatro helicópteros MH-16 (*Pequenos Pássaros*) com braços de ambos os lados, para lançar a ponta-de-lança da força de assalto, o Esquadrão C da Força Delta, um dos três elementos operacionais da unidade de comando altamente secreta do Exército;
- oito helicópteros alongados H-60 *Black Hawk*, que se seguiriam à força de choque, dois conduzindo assaltantes Delta e seu comandante terrestre, quatro para lançarem os Comandos (Companhia B, 3ª Batalhão do 75º de Infantaria, o Regimento Comando de Fort Benning, Geórgia), um conduzindo uma Equipe Especializada de Busca e Salvamento e um para transportar os dois comandantes da missão, o Tenente-Coronel Tom Matthews, que estava coordenando os pilotos do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais, de Forte Campbell, Kentucky, e o Tenente-Coronel Gary Harrell, responsável pelos homens no solo;
- um comboio terrestre consistindo de nove *Hunvees* de carroceria larga e três caminhões de cinco toneladas, destinado a transportar os prisioneiros.

ros e retornar as forças de assalto para a base. Os *Humvees* estavam transportando Comandos, operadores Delta e quatro membros da Equipe Seis Mat (Mar, Ar, Terra), parte do ramo das Forças Especiais da Marinha; e

- três helicópteros de vigilância e um avião-espião *Orion*.

A Força-Tarefa compunha-se, portanto, de 19 aeronaves, 12 veículos e cerca de 160 homens.

Como, então, uma força constituída por soldados profissionais de elite e dispendo de meios de elevada sofisticação tecnológica se viu empenhada de forma desvantajosa em tão porfiada luta?

Passaremos a apresentar, de forma sumária, o que concorreu para que isso acontecesse.

Inicialmente, cabe destacar que a obstinada, raivosa e feroz resistência oposta aos norte-americanos pelas milícias somalis decorreu, em grande parte, do ódio às forças de Comandos gerado por operações anteriores de que participaram e que feriram o orgulho nacional somali.

Julgamos que o que aconteceu no dia 3 de outubro de 1993 foi resultado de um excesso de confiança por parte do Comando norte-americano, superestimando suas possibilidades e subestimando as do adversário, o que levou aos seguintes erros:

- planejar uma operação para ser iniciada na tarde de um domingo, em plena luz do dia, esperando encerrá-la muito antes do anoitecer e com duração máxima de duas horas, não considerando necessário que a tropa conduzisse equipamentos de visão

noturna, cantis cheios de água, e de ser constituída uma reserva para emprego imediato;

- ter conhecimento pouco preciso das ruas e vias de circulação na cidade, o que tornou dramático o deslocamento do comboio terrestre destinado a salvar forças cercadas e isoladas em uma área da cidade e para atingir locais de queda de helicópteros;

- julgar os helicópteros *Black Hawk* imbatíveis, ou de possibilidade muito reduzida de serem abatidos, desconhecendo que antigos gerrilheiros islâmicos, que haviam combatido tropas da extinta URSS no Afeganistão, haviam instruído os somalis sobre como abatê-los;

- reagir ao emprego da Equipe Especializada de Busca e Salvamento e a certas medidas adotadas pelo cirurgião-chefe das Forças Especiais, por considerá-las desnecessárias e pessimistas;

- deixar de definir com precisão as responsabilidades de chefia e liderança entre os elementos da Força Delta e a Força de Apoio dos Comandos.

Concorreram para o agravamento da situação os seguintes fatores:

- a existência de rivalidades e de desconfianças sobre o grau de treinamento e de capacidade de chefia entre componentes da Força Delta e dos Comandos, e entre tais elementos e as tropas do Exército regular;

- a grande dificuldade enfrentada para organizar uma coluna de socorro às forças cercadas com as tropas que constituíam a chamada Força de Reação Rápida, integrando elementos da 10ª Divisão de Montanha e blindados do Paquistão e da Malá-

sia. Essa dificuldade foi agravada pela necessidade de deslocamento noturno através das ruas de uma cidade, enfrentando forte resistência noturna, e pela natureza do trajeto a percorrer, abrangendo ruas e vielas estreitas e tortuosas que dificultavam o emprego de blindados e os tornavam vulneráveis;

– as grandes dificuldades encontradas para um eficiente trabalho de inteligência com o fim de obter informações confiáveis, particularmente por depender da cooperação de elementos locais;

– a comparação entre a eficiência e a capacidade letal das munições de calibre 5,56 e 7,62, com preferência para essa última, quando o fim visado é eliminar o maior número possível de inimigos; e

– os erros de avaliação política cometidos pela Casa Branca.

São pontos de grande importância que devem ser ressaltados:

– a extraordinária eficiência do apoio de fogo aéreo prestado por helicópteros, em particular os de pequeno porte, armados com metralhadoras calibre 7,62 e foguetes, e que foram responsáveis, em grande parte, por evitar a destruição das forças cercadas;

– a importância e grau de profissionalização dos paramédicos no tratamento de feridos, apoiando diretamente os combatentes;

– o valor do combatente, a crença na causa pela qual combatia, o heroísmo dos pilotos de helicópteros, as demonstrações de companheirismo, solidariedade e, até mesmo, a hesitação de alguns em participar da luta.

Seria uma feliz idéia a tradução e publicação desse livro, cuja leitura é recomendável do simples soldado ao general.

ANEXO

Resumo do Material Empregado

1. PELOS NORTE-AMERICANOS

a. Armamento

(1) Nas torretas dos *Humvees*:

Metralhadoras com lançador de granadas 40mm *Marck-19*

Metralhadora *Browning M2* calibre .50

(2) Com os homens:

Pistola 9mm

MP-5K submetralhadora 9mm (com os pilotos)

Fuzil M-16 calibre 7,62

Lançador de Granadas m-203

LAW (Arma Anticarro Leve)

M-60 metralhadora

CAR-15 Carabina calibre 5,56

SAW (Arma Automática de Esquadra)

b. Aeronaves

Avião-espião *Orion*

Hlcp OH-58 Observação

Hlcp MH-6 *Pequenos Pássaros* (2 Mtr 7,62 laterais e foguetes)

Hlcp M-60 *Black Hawk*

Hlcp AH-6 (armado com canhão)

c. Viaturas

Humvees

Caminhões de 5 toneladas

2. PELOS SOMALIS

Fuzil M-16

Fuzil AK-47

RPG (Granadas de rojão propulsadas, em grande quantidade).

